

RULFO

Ana Catarina Milhazes

Sou um cão.
Os cães não falam.
Mas pensam.
Isto é o que eu penso.
Vamos iniciar
este raciocínio, Rulfo.

Os cães falam
só que para dentro.
Eu sou cão,
logo falo
(só que para dentro).
Todos os cães sabem isto.
Filosofia canina.
Redundância, portanto.
Não, não. Calma.

Rulfo, estás a ir bem.
Tim-tim por tim-tim.
Frase a frase
(é por isso que os cães
pensam em verso).
Começa do início.

Tenho pensado em ordenar o pensamento.
Um cão tem várias memórias
desarrumadas.
É preciso ordená-las.
Quero levar sentido
para debaixo da terra.

Os humanos agora dizem
“está velhinho
o bichinho”
(este *inho* é o som da ternura
porque eu estou *velho*,
septuagenário,
em idade de cão,
e sou *bicho*, i.e.,
de grande porte).

Sete décadas de vida
(uma só, em idade de humanos)
é toda uma História
com H maiúsculo.
Estou só a contar com esta vida.
Ter mais é coisa de gato.
(Eu não sei que memória
têm os gatos, mas pensamentos
devem ser poucos, à falta de lugar
e meios para os arrumar.
Ainda dentro destes parênteses:
tal como os meus humanos
são “pessoas de cães”,
eu sou “cão de pessoas”;
gatos não é a nossa fauna
ponto.)

Sou um cão português.
Penso em português.
Portanto, naquilo que
os portugueses
chamam “au-au”.
Não estou certo

de que eles saibam muito
sobre aquilo em que pensamos
e como pensamos.

Mas sabem certamente
que pensamos numa língua diferente
conforme a nossa geografia.

Cão inglês: woof-woof.

Cão francês: ouaf-ouaf.

Cão espanhol: guau-guau.

Cão italiano: bau-bau.

Enfim, não sou um poliglota,
não sei que línguas falam
os siberianos nem os galgos afegãos.

A questão é que o mundo
está a mudar e eu preciso
de pôr sentido em tudo isto.

Como disse,
não tenho sete vidas e
preciso de levar algum discernimento
comigo para debaixo da terra
(a terra alimenta-se de boas ideias).

Não nos é pedido muito
a nós, cães pastores:
só tomar conta do gado
e reflectir
enquanto nos dão sombra
os sobreiros da paisagem.

Já não há muito gado para guiar:
as ovelhas e as vacas
vivem em fábricas
celas de manicómio, diz a Leo,
daí as vacas loucas e outras delinquências,

diz a Leo (a Leo não come carne),
e uns porcos pretos, esses há-os
mas não vale a pena dar-lhes ordens
são compinchas e sabem disso.

O que me resta é lamber as patas,
coçar as orelhas
e pensar.

E a Leo.

Foi por causa dela
esta ideia de pensar direitinho
porque, segundo me explica,
não é só que eu vá para debaixo da terra
o caso mais grave (baixei os olhos)
é que o mundo vai acabar!

Pensei que mo tinha dito
para me tranquilizar
(eu sei! Mas a Leo pensa de forma estranha!)
porque eu vou para debaixo da terra
e coitadinho do Rufinho
está tão velhinho
este meu bichinho.

Mas não, não é só isso.

Ela acha mesmo
que o mundo
está a acabar.

Não sou só eu.

É que não sabemos
se alguém vai cá ficar.

É esta coisa:

a Leo vê mais longe.

E por causa disso
agora vai sentar-se
à porta do parlamento.

Depois volta e conta-me tudo.

A Leo conta-me sempre tudo.

A Leo era pequenina
quando eu era pequenino
eu era mais novo do que ela
quando nos conhecemos.
Eu tinha acabado de nascer
ela tinha quatro anos.
Agora sou mais velho do que ela.
Muito mais velho.
Eu sou idoso.
Ela é... Muito jovem.
Males da idade canina.
A Leo é adolescente
mas muito inteligente.
Seguramente mais inteligente
do que os cães jovens que conheço.
Talvez mais inteligente do que eu.
Ainda me ensina muitas coisas.
Os seus truques continuam indecifráveis.
(Aquela coisa do biscoito
debaixo dos três copos...
Como é que ela faz aquilo tão rápido?
O meu nariz não segue
o raciocínio das suas mãos.)
Nem eu nem a Leo
acreditamos mais
que ela é um leão.
Não é. Essa era a razão
de Leonor » Leo
porque antigamente leão.
Mas ela tem uma juba loira
e é feroz. Qualquer coisa
de leoa há ali.

A Leo está ferozmente
furiosa com o que se passa aqui.

Acho que *aqui é aqui*

em casa

no pasto

na quinta

nos terrenos à volta

no país

na Europa

no mundo

no planeta

no universo.

A Leo fala muitas vezes

do planeta e do universo.

Não percebo como consegue

ver para tão longe.

Mas, enfim, ela tem

mais 1m e 10cm do que eu.

O que me interessa

é fazer sentido

das palavras da Leo.

A Leo é fofinha.

(Ela diz que eu sou fofinho.

E leal.

Mas quem diz é quem é.)

E muito inteligente.

Ela tem muitas coisas importantes

para dizer ao mundo, i.e. ao planeta,

i.e. ao parlamento

porque o planeta agora

vive dentro do parlamento.

É o que ela acha.

A Leo falta às aulas
porque há por aí gente
a precisar de uma grande lição.

(A Leo está ferozmente furiosa.)

Estou a juntar todas as migalhas
do pensamento da Leo.

Migalhas porque eu estou
para aqui a esfarelar isto
e porque ela me atira
com estes pedaços à testa
como quando estica o braço
por baixo da mesa
para me dar o seu
pedaço de rosbife
porque
*o Rulfo é carnívoro
mas eu não.*

(Eu sorrio com esta
sua sábia sabedoria.)

Migalhas não são, portanto,
pequenas reflexões.

Não.

Os pensamentos da Leo
são profundos e longínquos
tipo *fracking*,
só que fazem bem ao planeta.

(Parênteses: a Leo explicou-me
o que é o *fracking*
e eu percebi o que é o *fracking*
mas não sou capaz de explicar o *fracking*.)

A Leo não precisa
que ninguém tome conta dela.
O planeta é que precisa

que alguém tome conta dele.
É o que ela anda a fazer.
Este é um momento decisivo
é pensar ou nadar
como diz num cartaz
da parede do seu quarto.
Pensar enquanto há tempo
porque a seguir
onde há gelo
não haverá;
em vez de podermos atracar
ficaremos a flutuar.
O mundo vai ser
um grande mar-alto
sem maré vaza.
Em alguma zonas.
Porque outras
vão ser o contrário.
Como aqui,
onde os meus *puppies*
não vão ter futuro.
É o que a Leo diz.
Embora eu, ao que sei,
não seja pai de ninguém.
Mas a Leo está
ferozmente furiosa
e vê para longe,
portanto pode saber
de coisas que eu não sei.
A Leo diz *puppies*.
Diz coisas em inglês,
algumas que acabei por perceber.
Eu não sei falar *woof-woof*
mas ela sabe falar inglês.

A Leo é muito inteligente.

A Leo acha que
falar só numa língua
é triste.

E eu percebo.

Por exemplo, o melhor prato
que os humanos cozinham
é o cozido à portuguesa,
que leva várias carnes.

A Leo desaprova
certamente esta imagem.

Mas explica isto de outra forma,
falando das monoculturas
que estão a destruir os terrenos à volta
o interior
o país
a Europa
o planeta
o universo.

Xô monoculturas.

Xô agrotóxicos.

Não sei se estou a ser capaz
de ordenar todas estas migalhas.
Tanto tempo a olhar estas nuvens
enfundadas, que me lembram
a juba da Leo,
tanto tempo livre
sem pastar os bichos que sumiram;
não sei se é esta quentura
que me põe a cabeça em água.
Talvez eu não consiga repetir
tudo o que me explicou a Leo.

O caso é tão grave que,
como me diz a Leo,
a crise do clima é pior
do que a magia negra do Voldemort.
Grave, portanto. Gravíssimo.

Seja como for,
há já algumas ideias
que vou levar comigo
para debaixo da terra.
(A terra alimenta-se de boas ideias.)

1) Alguns humanos
gostam mesmo de nós.
Terra, poupa esses,
que são os melhores –
podem ser comidos
depois da época e
ainda estarão bons.

2) A casa é um sítio
que começa debaixo
da sombra dos sobreiros
e acaba no escuro
à volta das estrelas do universo.

3) Os outros animais são compinchas
e todos gostamos
mais ou menos do mesmo:
biscoitos, festinhas
e algum capim fresco
para cochilar.

4) Celas fechadas fazem mal

à cabeça dos animais
mesmo dos humanos,
cuja doença tem progredido
à medida das fronteiras,
muros e cerrações
que constroem.
Previsão: o capim fresco
fará bem aos humanos.

Vou levar estas ideias comigo.
A terra, aqui, está tão seca
que vai ser preciso cavar fundo.
Vou continuar a pensar
e a lamber as minhas patas.
Sou um dos últimos pastores, aqui
(sem contar com a Leo).